

**Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a
Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

Élisée Reclus e os Novos Mundos do Capitalismo

Rafael Regiani

Resumo

Ao longo de sua vida, o geógrafo francês Élisée Reclus fez importantes viagens para o seu conhecimento da Terra. Uma dessas viagens foi para a Louisiana, estado norte-americano em que fixou residência para trabalhar numa típica fazenda sulista.

Durante esse período de vida nos EUA, Reclus pôde fazer argutas observações sobre as transformações em curso que a sociedade americana passava, e daí extrair importantes lições sobre como o Novo Mundo se constituiria. Essas lições aprendidas teriam posteriormente impacto na formação das filosofias da história e da política no pensamento reclusiano.

Com base no aporte conceitual desenvolvido ao longo da discussão, este trabalho tenta identificar onde estaria o Novo Mundo do século XXI, e como ele deve se constituir.

1. Élisée Reclus e o Novo Mundo

O geógrafo francês Élisée Reclus esteve no continente americano em duas ocasiões. Na primeira delas, em 1852, ele veio como um imigrante europeu, e se estabeleceu na cidade de Nova Orleães, trabalhando de alfabetizador para a família de um fazendeiro sulista. Enquanto morou nos anos, Reclus viajou por lugares como o rio Mississippi e o lago Michigan. O relato de sua experiência ao longo do rio Mississippi está bem descrito no livro *A Voyage to New Orleans*. Além do conhecimento adquirido pessoalmente em sua estada nos Estados Unidos, Élisée Reclus também recebeu importantes informações do gênero de vida ianque das províncias do nordeste americano repassadas em trocas de correspondências com seu irmão Elie Reclus, que residia em Boston.

Em 1855, muda-se para a Colômbia, onde tenta estabelecer uma colônia para trabalhadores imigrantes europeus, nas margens do rio Hecla. Reclus acreditava que a América do Sul estava destinada a se tornar um grande celeiro mundial devido à fertilidade dos solos tropicais, grande extensão de terras, e relativo despovoamento do continente¹. A Colômbia, então Nova Granada, era o país que acreditava reunir as condições mais favoráveis para se desenvolver². E para cultivar o potencial agrícola sulamericano, Reclus investiu boa parte de suas economias nessa colônia. Contudo, o projeto da colônia não vingou, e ele retorna para a Europa empobrecido.

Por fim, na década de 1890, Élisée Reclus viaja novamente pelo continente americano, visitando países como Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina, Uruguai, e Chile, realizando sua última grande viagem internacional.

Apesar de comumente se identificar o Novo Mundo com a América, é importante frisar que Reclus traça diferenças entre os dois.

Entre a descoberta do continente e a adoção definitiva do termo América para designar o conjunto das terras encontradas há um lapso de tempo, no qual essas terras ficaram conhecidas apenas como “Novo Mundo”, pois a descoberta se deu em 1492 e a primeira aparição do termo América, aponta Reclus, aconteceu em 1507, sem entretanto ter caído no gosto popular. A denominação de

¹ RECLUS, 2010, p. 75.

² “It’s the country that holds the future of South America, since it’s the place where all the forces come together, build up and flow at the same time into two seas, etc.” – RECLUS, p. 77.

América para o novo continente só se tornaria consensual por volta do século XVII³.

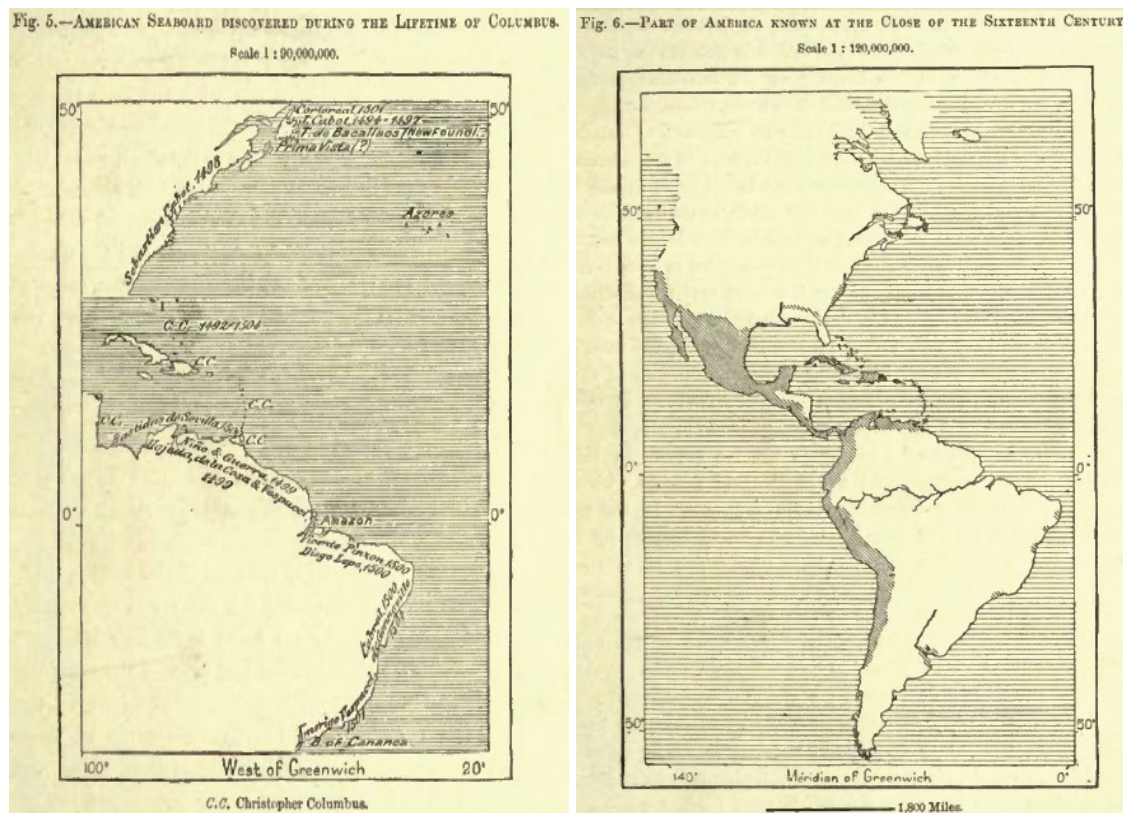
Quando atingiu a costa das ilhas caribenhas, acreditava Colombo que tinha chegado, na verdade, à Índia. E assim os nativos da América ficaram conhecidos por índios, como se tratassem serem os naturais da Índia. Entre os espanhóis eram chamados às vezes até mesmo de *chinos*⁴, em alusão aos chineses. O “Novo Mundo” era a princípio a Ásia.

Diz Reclus: “Os primeiros descobridores, entre os quais estava o próprio Vespúcio, mal podiam evitar usar a expressão, ‘Novo Mundo’, sem que isso implicasse necessariamente que a América era geograficamente distinta da Ásia.”⁵

Posteriormente, quando percebeu-se não ter chegado ao destino proposto, mas a um lugar diferente, essas localidades passaram a serem chamadas de Índias Ocidentais, em oposição às Índias Orientais, a Índia verdadeira.

Mas as diferenças entre o Novo Mundo e a América vão além de um simples erro de identificação, como se pode ver nas figuras abaixo:

Figura – O Novo Mundo à época de Colombo (esq.), e o continente da América (dir.)



³ RECLUS, 1890, p. 2

⁴ RECLUS, 1890, p. 2

⁵ Original: “The first discoverers, amongst whom was Vespucci himself, could scarcely avoid using the expression, “New World”, without thereby necessarily implying that America was geographically distinct from Asia.” – Id., Ibid., p. 3

Como é possível observar comparando-se as figuras, o Novo Mundo se trata de um espaço sem localização precisa, sem limites conhecidos, sem nome próprio, e uma geografia a ser explorada e trabalhada pelo homem. Por outro lado, América se refere a um espaço com localização cartográfica conhecida, limites definidos, identidade toponímica, e uma geografia singular. A América é um fato geográfico, enquanto o Novo Mundo é uma geografia em devir.

Além de Novo Mundo, a América também era referida às vezes como Mundo Ocidental. Essa concepção, no entanto, alega Reclus ser relativa⁶, pois não tendo a esfera terrestre um centro real, o que se considera Ocidente e Oriente, Norte e Sul, depende do referencial adotado. No caso em questão, a referência que permite à América receber tal designação é a Europa imbuída dum pensamento eurocêntrico. Contudo, se analisar-se a posição da América do ponto de vista, por exemplo, dos chineses, também um povo etnocêntrico e que alguns estudiosos defendem terem visitado a América através das expedições do famoso almirante Zheng He antes mesmo dos europeus, a América seria considerada como oriente, porque fica ao leste da China.

Reclus defende este mesmo ponto de vista da América. Em favor da orientalidade da América, o geógrafo anarquista recorre a argumentos de geografia física⁷ relacionando as estruturas de relevo da costa americana do Pacífico com as da Ásia. Em suas próprias palavras: “Sob muitos aspectos, e especialmente em seu relevo, a forma e disposição da costa marítima, a América deveria antes ser chamada de “continente oriental”, porque ela fica ao leste do Velho Mundo, com o qual é conectada por ilhas, penínsulas, leitos marinhos, e a capa de gelo do Mar de Bering.”⁸

A defesa que Reclus faz da “orientalidade” da América se estende também a etnologia das populações ameríndias⁹, em que ele ressalta a ascendência asiática dos indígenas, e cita autores que defendem uma influência budista em algumas culturas indígenas onde símbolos similares aos dessa religião foram encontrados em esculturas e imagens.

Élisée Reclus é ciente da hipótese de no passado América e Europa forem uma só terra com base na familiaridade litológica entre rochas encontradas nos montes Apalaches e Escandinavos, nos dois continentes. Hoje sabe-se que a América do Norte e Europa já estiveram juntas no supercontinente

⁶ RECLUS, 1890, p. 3

⁷ Id., Ibid., pp. 3-4

⁸ Original: “In many respects, and especially in its relief, the form and disposition of its seaboard, America should rather be called the " Eastern" continent, for it lies east of the Old World, with which it is connected by the islands, peninsulas, marine beds, and pack ice of the Bering Sea.” – Id., Ibid., p. 3

⁹

Id., Ibid., p. 5

da Laurásia, confirmando a hipótese. Mas à época de Reclus, a Teoria da Tectônica de Placas estava longe de ser provada, não lhe dando motivos para acreditar. Talvez se o geógrafo estivesse ainda vivo pensasse diferente, mas ao seu favor ele poderia dizer que tectonicamente a América do Norte e parte da Ásia estão unidas sobre a mesma placa.

2. Américas: o embate entre o Velho e o Novo Mundo

Enquanto esteve nos EUA, Reclus reconheceu duas realidades econômicas distintas criadas no norte e sul do país, colônia de povoamento e colônia de exportação, termos, aliás, cunhados por ele.

Nas províncias do norte, o clima frio inviabilizou o desenvolvimento da agricultura de exportação, e a Inglaterra se viu obrigada a ter de apenas povoar o território com colonos britânicos a fim de garantir sua posse contra as ameaças dos franceses do Quebec e dos holandeses de Nova Amsterdã, atual Nova York. O desinteresse da Coroa britânica pelas províncias da Nova Inglaterra fez com que sua administração fosse outorgada para uma companhia de comerciantes ingleses das cidades de Plymouth e Bristol, que durante seu domínio tentaram sem sucesso torná-lo lucrativo.

Não obstante o fracasso, as seguidas tentativas foram suficientes para se imprimir o espírito capitalista da busca do lucro nas províncias do norte. Some-se a isto, a localização privilegiada de Nova York para controlar o comércio na desembocadura do rio Hudson, e a atmosfera de tolerância religiosa deixada pelos holandeses e que atraía cada vez mais imigrantes europeus para cidade, e a base sócio-espacial para o início da industrialização da União sob a liderança de Nova York estava montada. A descoberta do ferro e da hulha nos montes Apalaches forneceu os recursos minerais e energéticos que faltavam pra industrialização do nordeste americano começar.

Já nas províncias do sul, o clima mais generoso permitiu a criação de *plantations* de cana-de-açúcar, algodão e tabaco usando mão-de-obra escrava, numa economia alimentada pelo comércio triangular com o Caribe e a Europa e controlada por uma elite crioula. Batizada de Virginia em homenagem a Rainha Elizabeth, supostamente pura e virgem, essa província e suas vizinhas do sul foram povoadas por colonos britânicos cuja origem era predominantemente de trabalhadores, artesãos, e todo tipo de gente pobre e sem profissão. O nivelamento social dos colonos dificultava que relações de domínio de classe surgissem entre eles. Assim, aponta Reclus, era a escravidão e a desigualdade racial quem alimentava o espírito aristocrático dos colonos. O puritanismo protestante preservava o corpo social de qualquer ideia nova, deixando essa parte dos EUA com um rosto muito parecido ao da velha Inglaterra.

Desse modo criaram-se nos EUA dois sistemas econômicos concorrentes, fruto de geografias diferentes, um baseado na arregimentação do trabalho livre e na industrialização para as necessidades internas, e outro erguido através da importação de manufaturados da Europa e compra de escravos nas Índias Ocidentais. Em confronto, duas ideologias econômicas distintas: o nascente capitalismo industrial, onde o trabalho é a fonte geradora do valor, no norte, representante dos novos tempos, e a fisiocracia, corrente de pensamento segundo o qual a natureza (*physis*), através da renda da terra, é a criadora de todo valor, no sul, representante dos velhos tempos.

Enquanto esteve nos EUA, Reclus observa que o surgimento da relação de trabalho capitalista modifica a relação entre senhor e escravo dos tempos feudais: “O escravo cessa de ser uma propriedade imóvel e torna-se propriedade móvel, tão logo que estradas e ferrovias começaram a ser construídas.”¹⁰

No feudalismo o trabalhador era integrado com a terra, vivia dentro da propriedade do senhor, ou seja, era um bem imóvel, e visto basicamente como mais uma ferramenta de trabalho, como a enxada ou o arado, não havendo clara distinção entre meios de produção e força de trabalho. Além disso, o trabalhador era propriedade do senhor, que o comprava como uma mercadoria qualquer no mercado de escravos. O trabalhador não era sujeito, era objeto.

No capitalismo, a relação de trabalho capitalista, ou trabalho livre, através da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1789), o trabalhador é humanizado e reconhecido como sujeito de direitos. A partir daí, sua pessoa se torna um cidadão igual e livre, e distinguido de sua força de trabalho, uma espécie de atributo ou propriedade sua e negociável. Passa a desfrutar, portanto, de duas liberdades: uma liberdade ativa, quando negocia a venda de sua força de trabalho com um patrão de sua livre escolha, e uma liberdade passiva, quando é liberado dos meios de produção, e passa a viver com sua família numa casa própria, diferente da propriedade do senhor. E assim, passa a migrar pendularmente de sua casa para o local de trabalho. O trabalhador se torna móvel.

Essa relação que Reclus estabelece entre desenvolvimento da rede de transportes, mobilidade do trabalhador, e acesso dos capitalistas ao mercado de trabalho pode ser verificada em uma passagem de geógrafo anarquista sobre fatos que ocorriam no Brasil:

“[...] desejosos de continuar debaixo de outra forma as velhas práticas da escravidão, conseguiram que o poder legislativo votasse a introdução de cules chins para as suas fazendas, [...]. Mas esta imigração de chins, votada há muito, ainda não se efetuou e parece que não se fará, pelo menos em grande escala.

¹⁰ Original: “The slave ceases to be immovable property and becomes movable property, as soon as roads and railroads have begun to be built.” – RECLUS, 2004, p. 84.

[...] as companhias de transporte ainda não estão em circunstâncias de tentá-los.”¹¹.

A liberdade do sujeito trabalhador tem seu contrapeso na liberdade das coisas, dos objetos, que, com a mediação do dinheiro, ganham como que vida própria diante do trabalhador na América, “onde a terra convoca o agricultor e o trabalho convoca o trabalhador.”¹²

O trabalhador, embora liberado dos meios de produção, se volta “naturalmente” a eles, não porque ele veja nesses objetos os instrumentos de ofício correspondentes à sua vocação profissional e com eles se identifique e forme um par, mas em busca do dinheiro. Desprovido dos meios de produção, a força de trabalho do trabalhador se lhe torna algo inútil, inoperável, sem valor, uma coisa que ele prefere trocar com o capitalista, que vê nela uma fonte de mais-valia, por dinheiro para comprar outras mercadorias que atendam as suas reais necessidades.

Os comportamentos individual e coletivo se alteram, e passam ser determinados cada vez mais pela busca do dinheiro. “Para as massas, todos os sentimentos se fundem cada vez mais e mais com interesses pecuniários.”¹³

O geógrafo francês nota aí surgir uma grande diferença cultural entre o Velho e o Novo Mundo: “Nós [europeus] obedecemos às tradições mais do que os humanos, e deixamo-nos ser governados pelos mortos mais do que pelos vivos. Na América não há nada do tipo. Nem uma simples superstição é ligada ao passado ou ao solo nativo, e a população, movendo-se como a superfície de um lago procurando seu nível, distribui-se inteiramente de acordo com as leis da economia.”¹⁴

Enquanto na velha Europa prevalecia o costume e a tradição como fontes de orientação do comportamento social, no Novo Mundo a moda se torna o guia das pessoas, como uma espécie de onda soprada pelos ventos do mercado e que vai movendo as preferências profissionais, de consumo e o gosto das pessoas. “O americano nunca tem uma vocação fixa. Ele está constantemente à procura de

¹¹ ANDRADE (org.), 1985, p. 182. A história da imigração no Brasil exemplifica bem essa relação. Inicialmente, a rede de transportes brasileira se resumia aos rios e estradas indígenas, e a mão-de-obra utilizada era a nativa. Devido à resistência indígena ao trabalho forçado, os portugueses tiveram de recorrer aos mercados de escravos africanos, fonte de trabalho mais próxima, além da vinda de colonos lusitanos e espanhóis oriundos da metrópole. Quando o tráfico negreiro se tornou cada mais custoso devido ao cerco inglês ao longo do século XIX, teve início a imigração de trabalhos vindos da Europa Central e Oriental, como italianos, alemães e eslavos. Em fins do século XIX e início do XX, a economia brasileira mais desenvolvida alcançava fluxos migratórios provindos do Oriente Médio, como os árabes e armênios. Os imigrantes orientais, mais longínquos para buscar, foram os últimos a chegar – a partir de 1910, data de início da imigração japonesa.

¹² Original: “[...] in America, where the land summons the farmer and the labor summons the worker.” – RECLUS, 2004, p. 74.

¹³ Original: “For the masses, all feelings merge more and more with pecuniary interesting.” – Id., Ibid., p. 60.

¹⁴ Original: “We obey traditions rather than humans, and let ourselves be governed by the dead more than by living. In America, there is nothing of the kind. Not a single superstition is attached to the past or the native soil, and the population, moving like the surface of a lake seeking its level, distributes itself entirely according the laws of economics.” – Id., Ibid., p. 59.

oportunidades, esperando que a fortuna passe para que ele possa subir nela e ser levado embora na direção da terra do Eldorado.”¹⁵

Mas se dum lado o capitalismo controlava o corpo dos trabalhadores e as necessidades dos consumidores, doutro ainda restava o cidadão que, com sua consciência livre e voto, poderia através da democracia política controlar o estado, e pelo poder público impor ao senhorio limites em seu poder. Para a nova classe burguesa triunfar, o liberalismo econômico precisava ser seguido dum liberalismo político que reduzisse as funções do estado ao mínimo possível, e este não incomodasse: “o poder dos reis e imperadores tem limites, mas o da riqueza não tem nenhum sob qualquer condição. O dólar é o mestre dos mestres.”¹⁶. Só assim para que “um fato primordial dominasse toda a civilização moderna – o fato da propriedade de uma única pessoa poder aumentar indefinidamente, e até, em virtude de consentimento quase universal, abranger o mundo todo.”¹⁷

A lógica da mercadoria reinava de maneira absoluta na América, que se transformava cada vez mais numa “grande casa de leilão em que tudo está à venda, o escravo e seu proprietário para negócio, os votos e a honra, a Bíblia e as consciências. Tudo vai para o maior lance.”¹⁸

Se no norte dos EUA, a prostituição de tudo e de todos impressionava Reclus, no sul a persistência da escravidão o chocava: “É a virtude e a moralidade, mas acima de tudo o horror que eu sinto a escravidão, a Igreja, e a cavalaria crioula que me compelem a sair o mais cedo possível.”¹⁹ A aversão que o espírito libertário de Reclus nutria a todas as formas de opressão, como a escravidão, e a conivência da Igreja para com ela, foram o suficientes para tornar o protestante francês num ateu. E quando ele encontrou quem o substituísse na função de tutor na fazenda que trabalhava, finalmente pôde sair da propriedade dos Fortiers. E de lá mudou-se para a Colômbia.

O modelo econômico ianque, necessitando cada vez mais de trabalho para continuar se expandindo, vendo nos escravos do sul a massa de mão-de-obra que desejava, encontrou no incidente do Fort Sumter a *casus belli* que precisava, dando início à Guerra Civil Americana. Os confederados, com a velha cultura cavalheiresca da aristocracia rural, tinham a frente de seus homens melhores

¹⁵ Original: “The American never has a fixed vocation. He is constantly on the lookout for opportunities, waiting for fortune to pass by so he can hop on and be carried away toward the land of Eldorado.” – Id., Ibid., loc cit.

¹⁶ Original: “The power of kings and emperors has limits, but that of wealth has none at all. The dollar is the master of masters.” – RECLUS, 2004 apud CLARK, John, Epilogo, p. 106.

¹⁷ Original: “One overriding fact dominates all of modern civilization – the fact that the property of a single person can increase indefinitely, and even, by virtue of almost universal consent, encompass the entire world.” – Ibid.

¹⁸ Original: “It’s a great auction house in which everything is for sale, the slaves and the owner into the bargain, votes and honor, the Bible and consciences. Everything goes to the highest bidder.” – RECLUS, 2004, p. 78.

¹⁹ Original: “It’s virtue and morality, but above all the horror that I feel for slavery, the Church and Creole chivalry that all compel me to clear out as soon as possible.” – RECLUS, 2004, p. 88.

gerais do que os exércitos da União. Contudo, o talento do General Lee não foi o bastante para deter a máquina de guerra ianque que, ao custo de trocas de comando e milhares de homens e armas perdidas, fez valer a superioridade de sua cultura materialista industrial nos campos de batalhas.

Economicamente, o Velho Mundo fora derrotado pelo Novo.

A América Latina vivia uma situação inversa à dos EUA. Nela, havia unidade no sistema econômico, mas divergência entre sistemas políticos. Unidade econômica não no sentido que suas economias fossem integradas num único sistema solidário, mas porque o modelo econômico em todas as colônias era o mesmo: colônia de exportação.

Por essas terras não se conhecia o trabalho livre, e prevalecia o uso da mão-de-obra escrava negra ou indígena tanto na América espanhola quanto na portuguesa. A economia política praticada era o metalismo, pensamento econômico segundo o qual a riqueza e o poderio dum estado advêm da acumulação de metais preciosos. Assim, durante o período colonial, as duas metrópoles, Madri e Lisboa, exauriram as veias minerais da América Latina, extraíndo todo o ouro e prata possível, respectivamente, nas minas da Nova Espanha e Alto Peru, atuais México e Bolívia, e nas minas gerais de Vila Rica, no Brasil.

Politicamente, contudo, as colônias estavam divididas entre Vice-Reinos e Capitânicas-Gerais. Os Vice-Reinos eram os territórios de maior importância econômica, e governados por vice-reis que representavam a Coroa espanhola. Eram quatro: Nova Espanha (México), Nova Granada (Colômbia), Peru, e Rio da Prata (Argentina). As ligações comerciais desses territórios com a metrópole espanhola fizeram nascer uma elite crioula conservadora e feliz com seu *status quo* colonial. Por sua vez, as Capitânicas-Gerais eram territórios com menor importância econômica, e maior importância estratégica e militar para a defesa dos Vice-Reinos. Nela também havia a figura do governador, mas o capitão-geral, comandante das tropas militares, atingia um prestígio tão grande nesses territórios que, não raro, suplantava a doutros cargos administrativos da colônia.

A disposição de tropas militares nas capitânicas-gerais, mais a possibilidade de se tornarem o líder máximo da nação no lugar da Coroa Espanhola, instigou nos chefes militares desses territórios a sede da independência. Foram dessas colônias que saíram os maiores heróis independentistas da América Latina, como Simón Bolívar, Bernardo O'Higgins e José Martí.

Enquanto isso, nos vice-reinos, a riqueza do comércio com a metrópole gerava satisfação e resistência a idéia de independência e mudança. O Peru, que através do porto de Lima era o principal escoadouro da prata espanhola foi um dos últimos países a proclamar independência porque sua elite

era tão conservadora que enojava Bolívar quando combatia os espanhóis no país. No México, Agustín de Iturbide chegou a se proclamar imperador. Na Argentina, José de San Martín, apesar da luta anticolonial, nutria ideias monarquistas para o pós-independência, o que gerava fortes discordâncias com *El Libertador* venezuelano que admirava o parlamentarismo britânico, e impediu maior cooperação entre os exércitos de ambos os líderes. E no Haiti, primeiro país da América Latina a proclamar independência e abolir a escravidão, a república livre instaurada pela luta do General Toussaint L'Overture contra a França Imperial chegou a ser ameaçada por resquícios de bonapartismo herdados com experiências monárquicas de Jean-Jacques Dessalines e Henri Christophe.

Mas sem sombra de dúvidas, a monarquia americana de maior sucesso foi a brasileira. Originada da fuga da Corte Real portuguesa em 1808 para o Brasil nas Guerras Napoleônicas, a monarquia brasileira de Dom Pedro I era basicamente a continuação da monarquia lusitana em território nacional. Sendo assim tinha antecedentes familiares e honoríficos que a garantiam como uma forma de poder válido sobre os brasileiros. A tradição expansionista e territorialista também foram herdadas com a monarquia eurobrasileira, e o Império Brasileiro anexou várias porções de suas repúblicas vizinhas, gerando desconfiança.

A falta do federalismo republicano apareceu quando da Guerra do Paraguai. Inicialmente uma disputa de fronteiras que afetava somente a oligarquia sulista, o país inteiro foi levado à guerra crente numa vitória rápida e fácil, e as elites doutras regiões do Brasil fora do território em litígio tiveram de tomar parte do conflito custeando as tropas e enviando seus escravos.

Élisée Reclus mesmo não assistindo o teatro de operações da guerra até o final foi capaz de prever o seu desfecho: “No conflito das duas raças, a preponderância permanecerá necessariamente àqueles entre os quais a liberdade humana é mais respeitada.”²⁰ Embora a vitória militar tenha sido da monarquia escravagista brasileira sobre a república guerreira dos guaranis, a Guerra do Paraguai na verdade foi o início do fim da monarquia. O custo da guerra foi dividido nacionalmente entre todas as províncias brasileiras, enquanto os únicos ganhos visíveis (terras férteis anexadas do Paraguai) ficaram para as oligarquias sulistas, o que desgastou o relacionamento entre as demais elites, do Nordeste, São Paulo, etc. com o poder central. Ao mesmo tempo, os militares vitoriosos voltaram ao país com moral elevada para, 20 anos depois, derem um golpe de estado sobre a monarquia moribunda de Dom Pedro II e implantarem a república, “aquela entre os quais a liberdade humana é mais respeitada”. Vitória moral do Paraguai. Politicamente, o Velho Mundo fora derrotado pelo Novo.

²⁰ RECLUS, 2010, p. 34.

3. O Novo Mundo Hoje.

Passados mais de cinco séculos do descobrimento da América ainda haveria um “Novo Mundo” hoje?

Vimos que para Élisée Reclus, o Novo Mundo é uma geografia em devir, e uma ruptura com o passado na longa marcha da história. Mas a revolução trazida pelo Novo Mundo não é apenas uma revolução geohistórica ou sociopolítica. Na visão reclusiana, o Novo Mundo é uma revolução em todos os sentidos, afetando todas as estruturas da sociedade, inclusive uma revolução no conhecimento, capaz de alterar os paradigmas científicos vigentes: “Enquanto o homem era ignorante de sua posição no espaço e mesmo considerando seu domínio como imensurável, todas as teorias sobre a natureza das coisas eram necessariamente falsas, e o progresso científico tornou-se impossível”.²¹

Novo Mundo significa então, além de tudo o mais, uma mudança na relação homem-natureza, e conseqüentemente na relação homem-homem. Se até o fim dos anos dourados do capitalismo industrial, a relação do homem com a natureza era de domínio, e o homem sentia-se senhor, o quadro de degradação ambiental cada vez maior obrigou o homem a se reposicionar no espaço, e ele se redescobriu servo, numa relação de dependência com a natureza. A busca pelo progresso sem limites foi substituída pelo desenvolvimento sustentável como paradigma principal.

Com o fim da Guerra Fria, os regimes socialistas e nacionalistas que dominavam boa parte dos principais países da Ásia caíram e enormes mercados de trabalho e consumo se abriram para o capitalismo ocidental. Assim, em tempos de globalização e um capitalismo aparentemente triunfante vê-se a ascensão da ideologia neoliberal – se bem que muitos de seus defensores rejeitem o rótulo de ‘neo’ alegando serem liberais no sentido clássico, sem acrescentar nada de novo. Ao mesmo tempo, autores de esquerda defendem que a queda do socialismo real não foi a morte de Karl Marx, e sim o seu renascimento. A recuperação do liberalismo econômico implicitamente traz consigo o reavivar do marxismo genuíno de Marx, pois o filósofo alemão elaborou sua teoria em cima das obras de liberais clássicos como Adam Smith e David Ricardo.

Fato é que com o desmoronar da Velha Ordem Mundial – bipolar – e a estruturação da Nova Ordem Mundial – multipolar – o paradigma atual das relações internacionais se alterou. Só isto já bastaria para provar que a humanidade vive hoje num Novo Mundo.

²¹ Original: “So long as man was ignorant of his position in space and even regarded his domain as immeasurable, all theories on the nature of things were necessarily false, and scientific progress became impossible.” - RECLUS, 1890, p. 48.

Kenichi Ohmae fala em ascensão do Estado-região, que antes de tudo é mais uma unidade geoeconômica do que geopolítica, muitas vezes é transnacional. A globalização abriu novas oportunidades de investimento, que permitiram ao interesse local negociar diretamente com os agentes globais sem consultar o poder nacional para ter acesso ao mercado mundial de capitais, trabalho e consumo a fim de obter os recursos que deseja.

O Estado-região se encaixa bem na definição de Novo Mundo como um espaço sem localização precisa, sem limites conhecidos, sem nome próprio, e uma geografia a ser explorada e trabalhada pelo homem.

Sem localização precisa porque os Estados-regiões não se encontram num só lugar, seja continente, país, ou região. Eles se encontram espalhados pelo planeta, um verdadeiro arquipélago de lugares. Sua localização é difundida entre os cinco continentes, por exemplo: Vale do Silício/Baía de São Francisco, nos EUA; estado de São Paulo, no Brasil; norte da Itália, na Europa; Triângulo do Crescimento, formado por Cingapura, o estado malaio de Johore e as ilhas indonésias de Riau, todos no Sudeste Asiático²². Sem limites conhecidos porque o Estado-região é antes uma unidade econômica do que política, e “segue linhas divisórias que fazem [economicamente] sentido”²³. Suas fronteiras não são fronteiras políticas, estáveis e demarcadas numa carta, mas sim fronteiras econômicas, variáveis de acordo com a força de seus lugares centrais e “as verdadeiras fronteiras de um mundo sem fronteiras” (sic). Quando a economia pulsa mais forte, suas fronteiras se expandem, quando entra em recessão, se retraem. Sem nome próprio porque se tratam de regiões econômicas de formação recente, sem uma geo-história comum que criasse uma identidade toponímica entre seus habitantes. Seus nomes são basicamente a junção dos nomes de cidades preexistentes, como os Estados-regiões de San Diego/Tijuana, Hong Kong/Sul da China, Pusan/Fukuoka/Kitakyushu, entre Coréia do Sul e Japão, quando não fazem referências econômicas diretas, como o já mencionado Triângulo do Crescimento, ou o Triângulo de Maior Crescimento – um Estado-região englobando as cidades de Penang e Medan, na Indonésia, com Phuket, na Tailândia, ou ainda o Triângulo da Pesquisa, no estado americano da Carolina do Norte²⁴, que ao final não passam de criações intelectuais de pesquisadores como Ohmae e outros em suas regionalizações do capitalismo global, com, no máximo, repercussão na comunidade de negócios. Dificilmente os habitantes desses Estados-regiões enunciados se referem ao seu lugar de morada assim. A geografia a ser explorada e trabalhada é porque a redescoberta da Ásia estimula novos

²² OHMAE, 1999, p. 74.

²³ Id., *Ibid.*, p. 74.

²⁴ OHMAE, 1999, p. 74.

estudos geográficos sobre uma região até a pouco ignorada e marginalizada entre as universidades ocidentais, agora com interesse acadêmico renovado pela ascensão da nova Arábia de Dubai, nova Índia de Mumbai, e nova China de Xangai. A chegada do capitalismo global vai modificar esses velhos espaços para produzir um espaço novo.

A falha de Kenichi Ohmae é que ao se referir ao Estado-região como as regiões econômicas naturais, o autor acaba por pensar que essas regiões têm existência objetiva *per si* e que sua mente apenas as captou, e que o espaço econômico não poderia ser dividido cientificamente doutro modo. Ele não percebe que sua regionalização do espaço mundial é decorrente da sua maneira de ver o mundo. Talvez, porque o autor tenha formação acadêmica em química, apesar de ter trabalhado a maior parte da vida como consultor de gerenciamento, e não tenha o mesmo conhecimento crítico e cuidados dum geógrafo ao utilizar o conceito de região.

À época de Reclus, o Novo Mundo seria caracterizado pela consagração dos princípios do trabalho livre e do federalismo republicano, vitoriosos no embate entre as forças do Velho e Novo Mundo. No Novo Mundo atual, a luta do trabalho livre e do federalismo republicano continua por se fazer completar. Se antes o ringue entre o Velho e Novo Mundo estava na América, hoje ele está cada vez mais na Ásia, palco da maioria das monarquias que ainda restam.

Nos últimos anos, importantes movimentos políticos ocorreram nesta parte do globo com o intuito de derrubar realezas caducas: golpe de estado em 2006 na Tailândia contra o primeiro-ministro Thaksin Shinawatra com envolvimento do Rei Bhumibol; fim da monarquia de 240 anos no Nepal, com a derrubada do Rei Gyanendra em 2008; abertura e democratização da monarquia teocrática sesquicentenária do Butão em 2008; protestos contra o Rei Hamad Al-Khalifa do Bahrein em 2011. E poderíamos generalizar o conflito político para não apenas entre república x monarquia, mas como entre democracia x ditadura, até porque não há grandes diferenças entre monarquia e ditadura. Monarquia, a rigor, significa governo de uma só pessoa, e não de um rei. Enquanto em algumas ditaduras o poder fica nas mãos de uma junta militar, conselho ou partido, casos de Myanmar, Egito e China, noutras a concentração de poder numa família é tão grande que elas se constituem em verdadeiras dinastias plebeias, como a Síria dos Assad e a Coreia dos Kim. As reivindicações populares por democracia e liberdade nesses países também podem ser encaradas como parte da luta pelo estabelecimento dum Novo Mundo pós-moderno.

O trabalho livre contemporâneo é representado pelo trabalhador migrante. Desde que o Estado-região, segundo Ohmae, é aquele que aceitou trocar uma parte da pompa da soberania de seu

Estado-nação para explorar maiores possibilidades da economia global, o trabalhador migrante é aquele que troca uma parte de seus direitos de cidadania na sua pátria por maiores oportunidades de trabalho e renda num Estado-região. Como a capacidade móvel do trabalhador migrante é de nível global, ele pode ser encarado como o trabalhador mais livre também. Ele desfruta duma liberdade ativa quando escolhe livremente um país de seu agrado para trabalhar e duma liberdade passiva ao ser liberado de uma parte de suas obrigações nacionais. Nos Estados-regiões trabalhadores livres das mais variadas nacionalidades se encontram para preencher a carência da mão-de-obra, em geral para serviços de menor qualificação nos Estados-regiões de zonas desenvolvidas, e para cargos técnicos ou de maior qualificação nos Estados-regiões de zonas subdesenvolvidas. E para o bem andar do trabalho tem de deixar sua língua-mãe de lado para se falarem todos na mesma língua. A globalização vai unificar os mercados e também as classes sociais, e formar um único proletariado global. Nunca antes o evocar com que Karl Marx encerra seu Manifesto Comunista (“*Proletariado do mundo inteiro, uni-vos!*”) esteve tão perto de se tornar realidade quanto no novo século.

Conclusão

O Novo Mundo para Élisée Reclus é uma geografia em devir capaz de sediar uma revolução geral da sociedade que inicie um novo tempo histórico. À sua época, o Novo Mundo estava na América, onde havia todo um espaço geográfico descoberto pelos europeus a ser explorado e colonizado.

A diferenciação de áreas provocada pela divisão territorial do trabalho entre as províncias coloniais causou o surgimento de formações sociais diferentes. O antagonismo daí resultante intensificou-se com o passar do tempo e terminou em duas guerras cruciais para o destino do Novo Mundo: a Guerra Civil Americana e a Guerra do Paraguai. O trabalho livre e a república federativa, delas saídos vitoriosos, estabeleceram na América suas bases para conquistar o Velho Mundo e revolucioná-lo à sua imagem e semelhança.

Hoje o Novo Mundo está principalmente na Ásia, redescoberta pelo capitalismo após o fim da Guerra Fria e queda dos regimes socialistas. Os Estados-regiões são posições avançadas que o “velho” Novo Mundo finca nessas terras, onde residem as mais antigas civilizações do planeta, e, portanto, seu tempo é lento, para atacar e converter o Velho Mundo num Novo. O Estado-região é a porta de entrada da economia global, para Kenichi Ohmae. É a linha de front da evolução histórica, no dizer de Reclus.

Onde estão mais próximas as condições necessárias para uma revolução que transforme os Novos Mundos que o capitalismo cria para si em Novos Mundos para os homens.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de (org.). *Élisée Reclus*. Série Grandes Cientistas Sociais – 49. São Paulo: Ática, 1985.

OHMAE, Kenichi. *O fim do Estado-nação*. Rio de Janeiro: Campus; São Paulo: Publifolha, 1999.

RECLUS, Élisée. *A Evolução, a Revolução, e o Ideal Anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. *A Voyage to New Orleans*. Thetford: Glad Day Books, 2004.

_____. *As Repúblicas da América do Sul: Suas Guerras e Seu Projeto de Federação*. São Paulo: Imaginário, 2010.

_____. *The Earth and its inhabitants: North America, Volume I*. New York: D. Appleton and Company, 1890.

_____. *The Earth and its inhabitants: North America, Volume III*. New York: D. Appleton and Company, 1893.